

Falta o cadáver do Orçamento

PAULO CASTELO BRANCO

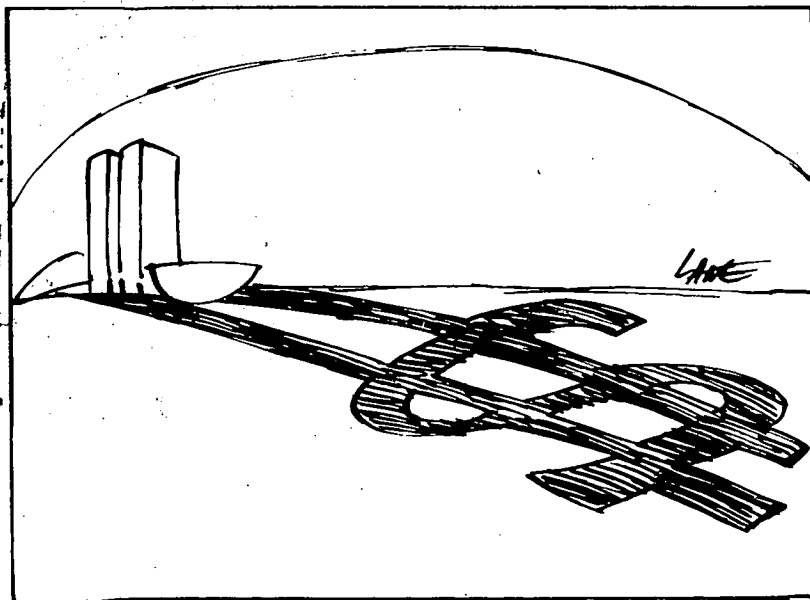
01 DEZ 1993

Infelizmente foi confirmado o assassinato de Ana Elizabeth, após longa investigação da Polícia Civil de Brasília. O corpo será sepultado e a dor marcará para sempre sua família. Triste história.

É necessário não esquecer que foi o desaparecimento de Ana Elizabeth o principal motivo de ser iniciada a limpeza do viciado sistema político nacional. José Carlos, talvez com remorsos de tantos desastros, tenha resolvido denunciar as trapaças das quais participava, para tentar se libertar da prisão maior, tentando passar a limpo a sua consciência. Pagará por seus crimes, com certeza.

Não podemos, no entanto, apagar o estrago que suas denúncias já causaram na vida do País, pois inúmeras de suas afirmações já foram comprovadas pela Comissão Parlamentar de Inquérito e envolvendo importantes personalidades que estão acuadas, sem condições de esclarecer movimentações bancárias, compra de imóveis, posse de moedas estrangeiras, contas no exterior e aumento desmedido de patrimônio pessoal, constringendo os seus pares com respostas evasivas e inaceitáveis.

No trabalho da CPI fica a esperança de que os seus membros, agindo como a Polícia Civil de Brasília, continue na busca incansável



dos elementos que, no submundo das negociatas, compraram incontáveis bens com o dinheiro sujo dos negócios escusos, envergonhando seus companheiros, eleitores e familiares.

É imperiosa a manutenção do vigor com que a CPI tem apurado e investigado as denúncias do criminoso torpe, uma vez que, apesar do assassinato em cumplicidade com homens insensíveis e desumanos, as suas denúncias têm sido confirmadas através dos depoimentos prestados e das provas encontradas, indícios veementes da corrupção

que marcava o Orçamento da União; aliás, José Carlos era igualmente cúmplice nos crimes que foram praticados contra o Brasil. No crime contra sua esposa era o mentor intelectual; contra o País, o executor frio, como seus comparsas. Não são muito diferentes os criminosos.

Nossa expectativa é de que o cadáver do Orçamento não fique enterrado em cova rasa, ferindo o orgulho e a nacionalidade de todos os brasileiros.

■ Paulo Castelo Branco é advogado